



AS IDEIAS DE MAIO DE 68 E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3584

Wesley Tomaz de Souza, Escola Municipal Prof. José Galetti
Ruth Izumi Setoguti, UEM

Resumo

Este trabalho – que é o desdobramento de uma pesquisa vinculada ao Laboratório de Estudos de História do Brasil (LEHB) – analisa o movimento de rebelião estudantil conhecido como “Maio de 68”, ocorrido na França, e discute seu ideário e suas influências na educação brasileira. Apesar da existência de muitos estudos relativos ao referido movimento, no que diz respeito à historiografia da educação brasileira observa-se uma lacuna, devido ao pouco destaque que se tem dado a seu impacto na educação no Brasil. Com amparo no pressuposto teórico de que as ideias têm consequências, parte-se da hipótese de que haveria uma relação entre as ideias libertárias das rebeliões estudantis (que desferiram ataques contra a família, a escola e o princípio da autoridade) e o fenômeno da indisciplina, da violência escolar e da perda de autoridade do professor nas escolas brasileiras. Quanto ao movimento francês, verifica-se que os estudantes rebeldes atacaram a instituição escolar sob a alegação de que esta tinha a função de formar reacionários, aptos a cumprirem as leis burguesas; combatiam ainda a noção de que o aluno deveria respeitar a autoridade do professor e adquirir conhecimento apolítico, alegando que este visava tão somente a manutenção do capital. Também acusavam a educação tradicional de ser rígida, mecânica, e reprodutora da cultura dominante. Considerando que a educação não permanece alheia à dinâmica social, e é permeada por transformações relacionadas a aspectos econômicos, políticos e culturais, identifica-se, mesmo na educação brasileira, forte influência do ideário que orientou Maio de 68.

Palavras Chave:

Educação brasileira;
Maio de 68; História das
Ideias.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar os movimentos de rebelião estudantil da década de 1960, em destaque o mundialmente conhecido Maio de 68 ocorrido na França, seu ideário e suas consequências na educação brasileira.

Dentre os movimentos estudantis que eclodiram em diversos países - França, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Inglaterra, Egito, Tchecoslováquia, Argentina, Brasil, México, etc., - o de maior repercussão foi sem dúvida Maio de 68, que ao longo de quase cinco décadas foi objeto de centenas de livros e milhares de artigos. Os livros de Henri Lefebvre (1901-1991), **Irrupção e revolta dos jovens na sociedade industrial**, e de Edgar Morin, Claude Lefort e Jean-Marc Coudray, **Mai 68: la brèche**, são os mais os citados (THIOLLENT, 1998).

Pretende-se com este estudo contribuir para a discussão do tema pois nota-se uma lacuna na historiografia da educação brasileira que pouco destaque dá ao ideário de Maio de 1968 e seu impacto na educação e estimular o aparecimento de outros estudos.

Nesta pesquisa, de caráter bibliográfico, levantou-se a hipótese de que haveria uma correlação entre as ideias libertárias das rebeliões estudantis que desferiram ataques contra a família, a escola e a autoridade, e o fenômeno da indisciplina, da violência escolar e da perda de autoridade do professor.

Tal hipótese ampara-se no pressuposto de que as ideias têm consequências (WEAVER, 2012), pois elas não ficam só flinando num mundo etéreo. Situações há em que elas são aplicadas no mundo real, se transformando em ação.

Entende-se aqui que as ideias apregoadas pelos movimentos estudantis combatendo a família, a escola, a

autoridade, contribuíram para moldar uma visão de mundo (*zeitgeist*) que modificou profundamente os valores da cultura, deixando como um dos legados históricos a tragédia que se vive hoje no ambiente escolar: a perda da autoridade do professor e o fenômeno da indisciplina.

Edgar Morin¹, filósofo, historiador e sociólogo francês de esquerda foi testemunha ocular de Maio de 68 e, em 2008, concedeu entrevista à **Folha de S. Paulo** na qual destaca a bandeira em comum entre os mais diversos movimentos estudantis da década de 1960, o ataque à autoridade do Estado e da família:

O denominador comum é uma revolta contra a autoridade do Estado e da família. A figura do pai de família perdeu importância, dando início a uma era de maior liberdade na relação entre pais e filhos. A revolta teve um caráter mais marcante nos países ocidentais desenvolvidos (MORIN, 2008, grifos nossos).

Nesse mesmo ano, em conferência realizada no “Fronteiras do Pensamento”² este mesmo filósofo

¹ Em pleno maio de 1968, Edgar Morin estava na Universidade de Nanterre, localizada num subúrbio de Paris, para dar início às aulas como professor substituto quando foi surpreendido pela greve: “Quando cheguei havia um caos absoluto; os carros de polícia soavam suas sirenes e um jovem ruivo gesticulava sobre as tarimbas: era Daniel Cohn-Bendit”, diz Morin em sua entrevista ao jornalista espanhol J.M Marti Font publicada no **El País** em 19 de abril de 2008. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/13828-o-maio-de-68-e-uma-manifestacao-da-crise-de-civilizacao%60-diz-edgar-morin>. Acesso em: 19/05/2016.

² O **Fronteiras do Pensamento** propõe uma profunda análise da contemporaneidade e das perspectivas para o futuro. Comprometido com a liberdade de expressão, a diversidade de ideias e a educação de alta qualidade, o projeto promove conferências internacionais e desenvolve conteúdos múltiplos com pensadores, artistas,

sublinha que a “[...] revolta contra a autoridade, quer seja a autoridade dos mestres, quer seja a autoridade do Estado, quer seja a autoridade da família tradicional” (MORIN, 2008, p.2) fora preconizada pelos movimentos estudantis.

O igualmente insuspeito sociólogo marxista brasileiro radicado na França, Michael Löwy (2008), também assevera que uma das bandeiras de luta dos movimentos estudantis nos EUA, México, Itália, Alemanha, Brasil, focava na condenação ao centralismo, à hierarquia e à autoridade.

Os atos de revolta dos estudantes moviam-se por uma crença de que um outro mundo seria possível, bastando para isso demolir tudo o que representava “o velho”, o “caduco”, o “tradicional”, as “velhas ordens e instituições estabelecidas”. Ao mesmo tempo que esses depositavam uma fé no futuro, no novo, ainda que não se soubesse o que adviria da destruição, condenavam a hierarquia, a autoridade, a família, a escola, o conteúdo escolar, enfim, tudo que era entendido como instrumento de opressão porque restringia a liberdade e a vontade dos indivíduos.

Os movimentos estudantis não apenas atacaram qualquer forma de autoridade (familiar, escolar, religiosa, do Estado) como também escolheram como alvo de suas críticas e destroça o casamento e a vida em família (PINKER, 2013). O entendimento de Pinker é de que a conjunção desses elementos, quais sejam, a crítica demolidora das instituições familiares e escolares, da autoridade e da hierarquia acabou criando um *zeitgeist*, definindo o espírito de uma época caracterizado pela rebeldia, pela contestação, pelo desprezo à hierarquia e à autoridade. Pinker (2013) rememora que na década de 1950 quando o *rock*

entrou em cena, políticos e clérigos acusaram-no de corromper a moral e de estimular o banditismo e a violência. Nas três décadas subsequentes houve um recrudescimento espantoso da violência tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, depois de um declínio de três décadas que envolveu a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria (PINKER, 2013). A resposta a questão acima é: “não diretamente”, porém, pode sim se estabelecer uma correlação entre o recrudescimento da violência e os valores da cultura popular de rebeldia que se formaram, os quais afluíam na contramão do que Norbert Elias denominou de “processo civilizador” (PINKER, 2013).

Objetivo

O objetivo do presente estudo é refletir sobre o ideário de Maio de 68 e verificar como este provocou mudanças na educação brasileira. Como se sabe, na década de 1960, houve inúmeras revoltas estudantis na França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Estados Unidos, México, Brasil, Argentina, Egito, Polônia, sendo Maio de 68 na França, a mais importante e conhecida dentre essas. Embora nem sempre lembrado, houve antes de Maio de 68 uma grande mobilização estudantil na Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos, em 1964-1965. David Horowitz (2012), que quando estudante participou do movimento de rebeldia em Berkeley, dá seu depoimento em livro autobiográfico, **Filho radical**, sobre o clima intelectual e político que dominava o ambiente nessa universidade. Segundo o autor, o lugar era extremamente diferente das outras cidades americanas, “[...] uma cidade de argonautas sociais que partiam em busca de mares jamais navegados” (HOROWITZ, 2012, p. 124). Em Berkeley se reuniam de “[...] anarquistas, *beatniks*, antigos trotskistas e comunistas” para discutir “[...] velhos temas, como a organização de manifestações de estudantes e a tal

cientistas e líderes em seus campos de atuação (FRONTEIRAS, s/d).

‘revolução’ [a cubana] (HOROWITZ, 2012, p. 124). Cambi (1999) evidencia que apesar da diversidade política desses grupos, o que os unia era um fascínio pelo socialismo, pela revolução e uma recusa em aceitar os valores da social-democracia por considerarem-nos reformistas e não radicais.

A inspiração desses jovens era o pensamento revolucionário de Marx, Mao Tsé Tung e Marcuse. Em 1964, na Universidade de Berkeley, ocorreu a primeira revolta em que participantes do Movimento pela Liberdade de Expressão ocuparam a universidade reivindicando o direito de fazer propagandas políticas dentro da universidade e tiveram, após muita pressão, sua reivindicação atendida. Após esse evento, houve várias outras revoltas estudantis ao redor do mundo. Na França, em 1968, o movimento clamava pela liberdade. Os estudantes rebeldes acreditavam que o país vivia novos tempos, cuja estrutura social “capitalista”, “consumista” e “alienante” deveria ser destruída. Na realidade, como sublinha Löwy (2008, p. 2) “[...] tratava-se de uma revolta mental contra o estado industrial existente, tanto contra a estrutura capitalista como contra o tipo de sociedade de consumo que ele criou”. Eram, em suma, movimentos anticapitalistas conduzidos por estudantes que ironicamente eram contra a “burguesia”, a sociedade industrial e de consumo, que paradoxalmente usufruíam das conquistas do capitalismo que lhes permitiam levar uma vida confortável de classe média, inclusive com o privilégio de apenas estudar.

Em Nanterre, na França, um grupo de estudantes liderados por Daniel Cohn-Bendit reivindicou que moças e rapazes não possuíssem mais dormitórios separados na universidade. O conservadorismo da época achou tal reivindicação inaceitável e levou a prisão dos estudantes. Pensando que com a prisão desses estudantes inibir-se-iam as ações estudantis de reivindicação e de

luta, a sociedade francesa foi surpreendida quando na Universidade de Sorbonne os alunos engajados no movimento de reivindicação e contestação ocuparam o campus da universidade em solidariedade aos universitários presos em Nanterre. Mesmo a universidade tendo sido fechada para evitar a revolta, os protestos se intensificaram e os arredores de Sorbonne foram tomados por barricadas e violência entre polícia e estudantes, o que resultou em muitos feridos.

No dia 5 de maio, cerca de 10 mil alunos enfrentaram a polícia em Paris. No dia 10, cerca de vinte mil universitários foram para as ruas para enfrentar a polícia novamente, recusando-se a “circular” como ordenava a polícia. Eles levantaram carros, atiraram pedras e coquetéis *molotou*, e cercaram os policiais. Este evento ficou conhecido como “Noite das Barricadas”. Vendo a luta dos estudantes e entendendo que tinham objetivos em comum, o Partido Comunista engajou-se nas manifestações, ocupou fábricas e organizou as passeatas. No dia 13 houve uma declaração de greve geral que se espalhou por toda a França. No dia 24, depois de outra “noite das barricadas” o governo Francês começou a negociar com os sindicatos de trabalhadores o aumento de salário e as reformas no campo educacional. Com isso, o movimento perdeu força e com as medidas tomadas pelos conservadores que conseguiram cadeiras nas eleições legislativas em junho, o movimento teve um fim, porém as ideias permaneceram até os dias atuais.

Portanto, influenciado por ideias utópicas e românticas de liberdade, de realização e felicidade plena, de luta pelos direitos, o movimento estudantil deflagrado por estudantes provocou uma revolução profunda nos costumes, na tradição, no comportamento, na cultura, na música, na arte, na educação e nas relações familiares.

Apesar dos protestos possuírem

um caráter pacifista, seu real objetivo era a destruição do sistema capitalista para a implantação do socialismo. Acreditavam os estudantes e parte da intelectualidade que para destruir a ordem social vigente, deveriam atacar a base da sociedade que era a família, a escola e a igreja; assim, passaram a questionar as leis, as normas e as regras que regiam essas instituições. Alegavam que a felicidade plena estaria no fato de fazer o que se tivesse vontade.

A difusão desse ideário libertário nos meios universitários se explicaria pelo fato de “[...] os alunos dos anos 1960 e 1970, oriundos das mais diferentes classes sociais, educados inapropriadamente, fragilizados por sua ignorância da história e da cultura de seus ancestrais, estavam ávidos por doutrinação” (SCRUTON, 2014, p. 22).

As teorias sociológicas tiveram dificuldades em explicar o comportamento de rebeldia e protesto contra o “sistema econômico”, pois vivia-se um tempo de grande prosperidade econômica e liberdade política. Nesse sentido, Löwy (2008, p. 2) afirma que: “[...] esses movimentos não foram motivados por uma crise qualquer da economia capitalista: ao contrário, era a época dita das ‘trinta gloriosas’ (1945-75), dos anos de crescimento e prosperidade capitalista”. Além disso, essa geração desfrutava de condições de bem-estar, de conforto e de liberdade muito superiores às vivenciadas pelos seus pais, inclusive, em termos tecnológicos. Foi a primeira geração a crescer com a televisão e a se beneficiar da democratização educacional em massa, chegando ao ensino superior para apenas estudar sem ter que trabalhar. Por isso, alerta Löwy (2008) não poder estabelecer uma relação de causa e efeito entre crise econômica e revolta capitalista.

Então, como explicar a influência do pensamento revolucionário romântico sobre esses jovens? Segundo Horowitz (2012), parte desses jovens vinha com uma formação radical de

esquerda de casa. Em Berkeley, o grupo formado por esses jovens criaram o termo ‘bebês de fralda vermelha’ para designar e identificar os filhos da esquerda comunista (HOROWITZ, 2012, p. 124). Havia também na universidade grupos de estudos sobre **O capital** de Karl Marx organizados por professores e alunos. Não se pode negligenciar, contudo, que havia um contexto histórico maior que alimentava a chama da utopia revolucionária entre os jovens estudantes: a Revolução Cubana em 1959 e a Revolução Cultural Chinesa em 1966. Essas acenavam para uma nova perspectiva para a esquerda, que vivia em torpor político desde o Relatório Krushev, em 1956. Nascia assim a Nova Esquerda.

Em 25 de fevereiro de 1956, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em discurso, Nikita Krushev reafirma sua crença no comunismo. Invoca as ideias de Lênin, ao mesmo tempo em que critica o regime de Stálin pelos brutais expurgos de militares de alto escalão e de quadros superiores do Partido entre 1934 e 1939 e pelo culto à personalidade de Stálin. O discurso foi sinal da disputa pela liderança soviética em que Krushev procurava abrir os olhos dos stalinistas para o que estava ocorrendo na União Soviética e representou uma mudança da linha do Partido Comunista da União Soviética e seus postulados baseados no stalinismo.

Após o Relatório de Krushev, muitas pessoas vinculadas ao Partido Comunista se desencantaram do projeto socialista soviético e buscaram organizar suas vidas longe do partido. Com isso houve uma cisão na esquerda. De um lado havia um grupo que ainda defendia as ideias de Stálin, que ficou sendo chamado de Velha Esquerda, e de outro surge um novo grupo que passa a se auto denominar de Nova Esquerda. Este rejeita o regime stalinista e visa a um socialismo de face “mais humanista”, cuja

estratégia para a implantação do socialismo era por meio da “conscientização de mentes”. Apesar da divergência entre a Velha Esquerda e a Nova Esquerda, ambas tinham por objetivo a implantação do socialismo usando diferentes estratégias para se atingir tal fim: ou por uma revolta armada do operariado ou pela conquista da hegemonia cultural.

É nesse contexto político mundial que os estudantes rebeldes passam a proferir ataques a instituição escolar sob a alegação de que esta tinha a função de formar reacionários, aptos a cumprirem as leis burguesas. Combatiam o respeito a autoridade do professor e a aquisição do conhecimento considerado técnico, apolítico, alegando que este visava tão somente a manutenção do capital. Acusavam ainda a educação tradicional de ser rígida, mecânica e reprodutora da cultura dominante. Com este raciocínio propuseram à escola o papel primordial não o de transmitir o conhecimento acumulado mas o de conscientizar o aluno com vistas à transformação social, ou seja, à formação do aluno revolucionário.

Dessa perspectiva, desempenhou papel importante o trabalho de Paulo Freire **Pedagogia do oprimido** na difusão desse ideário no Brasil e no mundo. Em **Pedagogia do oprimido**, Freire combate o ensino tradicional denominando-o de “educação bancária” sob a alegação de que o professor, em um polo, apenas depositaria o conteúdo escolar no aluno e que, em outro, passiva e mecanicamente o aluno ouviria, decoraria e repetiria as lições. Para Paulo Freire (2014) é tão somente a educação progressista que cumpre o verdadeiro papel da escola, qual seja, o de conscientizar o aluno para a revolução (FREIRE, 2014) e “conquistar a hegemonia cultural”.

Na década de 1960, a efervescência política e os trabalhos de Louis Althusser, - criticando a instituição-

escola (e a instituição-família) como um espaço no qual os interesses da classe dominante se impunham-, fizeram emergir inúmeros modelos educacionais alternativos na perspectiva da esquerda. Dentre esses modelos foram significativos a pedagogia de autogestão na França com Georges Lapassade, a da desescolarização na América Latina, Europa e Estados Unidos com Ivan Illich, Paul Goodman, Everett Reimer e Paulo Freire. As propostas de descolarização tiveram impacto na educação na década de 1970, sobretudo por intermédio de Paulo Freire.

O eixo central das propostas de descolarização era “[...] romper com práticas-educativas tradicionais, formalistas e conformistas” (CAMBI, 1999, p. 620), que significava na prática a introdução de “uma pedagogia de tipo crítico-radical, liberado da visão burguesa das ciências e dos processos formativos [...]” “guiada por valores emancipativos na praxis” (CAMBI, 1999, p. 620, 621, grifo nosso). Ou seja, eram propostas de uma pedagogia revolucionária.

Cambi (1999) expõe o extremismo que caracterizou as pedagogias que surgiram da experiência de 68 mostrando seus limites e seus valores, valores de cunho radical. Enfatiza que ainda hoje estamos condicionados à essas revoltas.

Conclusão

Na década de 1960 houve um grande número de movimentos jovens ao redor do mundo depois da eclosão de Maio de 68 que serviu como exemplo e ponto de partida para movimentos posteriores. Inicialmente as manifestações pediam a retirada das tropas americanas do Vietnã e a liberdade plena para realização dos prazeres. Porém, com o transcorrer os movimentos ganharam força, se embasavam em um ideal de esquerda e assumiam um caráter fascista. Movimentos estes que apresentavam uma

imagem amigável e dócil, mas que eram violentos e buscavam a queda do capitalismo e a implantação do sistema comunista.

A educação não está alheia às mudanças ocorridas na sociedade. Assim, fatores econômicos, políticos, sociais, regionais entre outros influenciam no processo educacional e são responsáveis por mudanças constantes. Vemos ao longo da história o quanto a educação sofreu influências externas que causaram grandes mudanças. Fatores externos podem influenciar também o aluno e seu desempenho e desenvolvimento dentro da escola positiva ou negativamente.

Desta maneira, conclui-se que as ideias de liberdade disseminadas naquela época tomaram conta do pensamento das pessoas e isso gerou mudanças na maneira que as pessoas agiam. Seduzidos pelas ideias de que não há certo ou errado e de “tudo se pode”, as pessoas passam a criar seus filhos sem regras e sem limites, o que é condição necessária para que haja uma desordem. Os jovens daquela época criaram seus filhos assim, que criaram seus filhos da mesma maneira e isso foi passado de geração em geração e tomou grandes proporções. Criados num meio permissivo e sem limites, grande parte dos alunos de hoje, em todos os níveis de ensino, acredita que no ambiente escolar também deve ser assim, dessa maneira ocorre a indisciplina, a violência, a rebeldia e o desrespeito.

No Brasil a educação não ficou imune a essas ideias radicais de transformação social, de combate às instituições escolares e familiares e de rebeldia. As queixas frequentes de professores no Brasil que relatam a perda da noção de autoridade dentro da escola, a violência na escola cometida cada vez mais por crianças em idades menores contra colegas e professores atestam o caos em que vivem as escolas brasileiras. Nesse sentido, soam como alerta a todos os que querem preservar a escola como local de transmissão de conhecimentos

acumulados e de autoridade as palavras de Kimball (2009), a de que a visão radical dos anos 1960 não foi abandonada, mas internalizada por muitos que hoje estão em sala de aula ou na administração nas instituições de ensino superior. Reconhece Kimball (2009) nos dias de hoje que houve a vitória do *ethos* radical dos anos 1960: “Agora, em vez de conturbar as aulas, eles [os radicais] as estão lecionando, em vez de tentarem destruir fisicamente as nossas instituições, eles as estão subvertendo, de dentro” (KIMBALL, 2009, p. 223-224).

Referências

- CAMBI, Franco. **A história da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- HOROWITZ, David. **O filho radical**. São Paulo: Peixoto Neto, 2012.
- KIMBALL, Roger. **Radicais nas universidades: como a política corrompeu o ensino superior nos Estados Unidos da América**. São Paulo: Peixoto Neto, 2009.
- LOWY, Michel. O romantismo revolucionário de Maio de 68. In: **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá (PR), n. 84, maio de 2008. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/084/84esp_lowp.htm. Acesso em: 24 mai. 2016.
- MORIN, Edgar. **Mal-estar de Maio de 68 é ainda mais profundo hoje**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2804200813htm> Acesso em: 15 mai. 2016.
- PINKER, Steven. **Os anjos bons da nossa natureza: Por que a violência diminuiu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- SOWELL, Thomas. **Os intelectuais e a sociedade**. São Paulo. É Realizações, 2011.
- THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Rev. Sociol.** USP São Paulo, 19(2): 63-100, out. de 1998.
- WEAVER, Richard M. **As ideais têm consequências**. São Paulo: É Realizações, 2012.